O CUIDAR E O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AURISTELIA DE SANTANA SOUSA

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, e aborda as relações e interfaces do cuidar e do educar na Educação Infantil e o delicado papel do educador nesse contexto. O papel da escola. Trata sobre a relação cuidar e educar que se estabelece com a evolução da Educação Infantil, vista inicialmente como situações particulares, mas que deve ser considerada como uma relação de caráter de unicidade, o qual reconhece gradativamente a criança como um ser único, com necessidades e características próprias, cabendo ao Educador apropriar-se deste universo tratando-o com respeito, propiciando atividades de aprendizagem que enriqueçam o seu desenvolvimento. Reflete sobre a relação cuidar e educar na Educação Infantil.

Palavras Chaves: Educação; Relações; Cuidar; Educar.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da necessidade de discutirmos as relação e interfaces do cuidar e o educar na educação infantil, bem como as práticas pedagógicas. E buscou responder à problemática: É possível dissociar a relação cuidar e educar na Educação Infantil?

Como pressuposto teórico citei autores que discorrendo sobre o tema, esclareceram de forma enriquecedora pontos relevantes para o desfecho deste.

O estudo reflete ainda sobre o Cuidar e Educar; o que é o cuidar, o educar e suas relações; o papel do profissional de educação infantil; o papel da escola. E tem como principal objetivo fazer uma reflexão sobre o que consiste em cuidar e educar, bem como, discutir as bases do significado destas palavras.

Sabemos que é possível às crianças se apropriar dos conhecimentos por meio do cuidar e educar, pois a ação do cuidar e educar faz com que elas aprendam de forma inovadora, permite a elas adquirirem esses conhecimentos que irão fazer parte de suas vidas. Esse processo vai muito além do ato de transmitir conhecimento. Educar é estimular o raciocínio, é aprimorar o senso crítico, as capacidades intelectuais, físicas e morais.

1- O que é o cuidar, o educar e as suas relações

Os seres humanos sempre foram cuidados e educados pelos membros mais experientes de seu grupo. Essa tarefa atravessou os tempos, adquirindo feições novas e ajustando-se as demandas de cada época histórica.

Segundo Palhares (2003), a relação entre cuidar e educar a criança pequena vem sendo tratada no Brasil há algum tempo, sendo importante destacar o parecer institucional da ANPED, publicado na Revista Brasileira de Educação (1998) e os trabalhos coordenados / encomendados e publicados pelo MEC entre 1994 e 1996, os quais vinham tratando a educação infantil como uma questão para o debate: privilegiando a discussão de propostas e projetos; buscando disponibilizar o conhecimento produzido na área pelas universidades e diferentes grupos de pesquisa; objetivando traduzir este conhecimento em prática que respeitassem as crianças.

Palhares (1998), relata ainda a modificação da concepção de "educação

assistencialista" significa atentar para várias questões que vão além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância. Embora haja um consenso sobre as necessidades de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerado que este é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre como trabalhar com cada um desses aspectos.

"Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento tem constituído, portando, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil. A elaboração de propostas educacionais veicula necessariamente concepções sobre criança, educar, cuidar e aprendizagem, cujos fundamentos devem ser considerados de maneira explícita" (RCNEI, vol. I).

Mello e Vitória (2003), apresentam os termos cuidar e educar com significados particulares na Educação Infantil: o primeiro está associado às necessidades do corpo, está voltado a dar condições de sobrevivência às populações desprivilegiadas.

"O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidados também precisam seguir os princípios de promoção à saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento

das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais" (RCNEI, vol. I).

Mello e Vitória (2003), citam ainda que neste caso, na educação infantil o "cuidar" é parte integrante da educação. Cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimento e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. Para um desenvolvimento integral a criança depende tanto dos cuidados relacionais que envolvem afeição e cuidados com o corpo, como alimentação e saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados.

Signorette (2002), relata que as relações ao cuidar, por sua vez, são apresentadas de forma a ressaltar o desenvolvimento integral da criança, que vai desde aspectos afetivos à qualidade da sua alimentação. O contexto sociocultural surge determinando as construções humanas e as necessidades básicas de sobrevivência, diferentes em cada cultura, o que deixa claro a necessidade de envolvimento e comprometimento do professor com a criança em todos os seus aspectos, que no papel do cuidar envolve a compreensão sobre o que ela sente e pensa e o que traz consigo. Deve-se cuidar da criança como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. O mais importante é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e

a si próprio, que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado. É preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada.

Voltemos a Mello e Vitória (2003), que apresentam o segundo termo educar como sendo associado ao desenvolvimento intelectual, as possibilidades da mente.

"A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação" (RCNEI, vol. I).

Paralelamente Correa (2006), deixa claro que para quem trabalha com crianças, educar é uma tarefa bastante complexa. Não existe uma cartilha para a "boa educação", temos apenas possibilidades quanto ao que pode acontecer de bom ou de mal. Maiores chances de bom desenvolvimento da personalidade acontecem se a criança tiver um bom ambiente, educação conveniente e saúde mental adequada. Pais e educadoras estão juntos na tarefa de educar e "educar significa ajudar a criança no desenvolvimento da sua autonomia, com liberdade de fazer escolhas dentro de uma margem razoável de opções". É preciso ajudar a criança a crescer para ser um adulto responsável, capaz de tomar decisões e fazer escolhas.

Correa (2006), afirma ainda que a educação no sentido psicológico da formação da personalidade envolve muita reflexão, conhecimento sobre si mesmo e particularmente sobre o desenvolvimento emocional da criança.

O processo educativo é realizado de várias formas: na família, na rua, nos grupos sociais e, também, na instituição. Nesse processo, a educação infantil poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

"Educar, significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, de respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural". (OSTETTO, 2000).

Pelo exposto, embora existam situações que em determinados momentos há um responsável para cuidar e outro para educar, de acordo com as novas diretrizes eles devem caminhar juntos contemplando de forma democrática todas as diferenças e, ao mesmo tempo, a natureza complexa do indivíduo. Plenamente, entendidas e aplicadas, cuidar e educar caminham simultaneamente e de maneira indissociável, possibilitando que ambas as ações construam na totalidade, a identidade e a autonomia da criança.

Concomitantemente Ostetto (2003), coloca que o cuidar e educar são impregnar a ação pedagógica de consciência, estabelecendo uma visão integrada do desenvolvimento da criança com base em concepções que respeitem a diversidade, o momento e a realidade peculiares à infância.

Cuidar e educar implica reconhecer que o desenvolvimento, a construção dos saberes, a constituição do ser não ocorre em momentos e compartilhados. A criança é

um ser completo, tendo sua interação social e construção como ser humano permanente estabelecido em tempo integral. Cuidar e educar significa compreender espaço/tempo em que a criança vive exige seu esforço particular e a mediação dos adultos como forma de proporcionar ambientes que estimulem a curiosidade com consciência e responsabilidade.

Em suma, Mello e Vitória (2003), propõem a tarefa de redefinir os dois termos cuidar e educar, integrando-os em uma só meta: mediar o desenvolvimento sociocultural de nossas crianças desde seu nascimento. Afinal um modelo pedagógico que desenhe a especificidade educativa rejeita a ideia de cuidado como mera assistência de custódia.

Cuidar da criança significa exercer ações integradas. Em todas as situações vividas por uma criança em sua cultura, ela tem oportunidade de aprender novas formas de ação e de desenvolver-se. São situações nas quais a criança está sendo cuidada e educada. Sabemos que se desenvolver significa construir a capacidade de fazer sozinhas coisas que antes era preciso fazer com ajuda de alguém. Portanto é necessário que cada pessoa seja cuidada e educada por alguém para aprender a cuidar de si e a se educar pelo resto de sua vida e, também, para vir a cuidar e educar outras pessoas, dando continuidade dinâmica à sua cultura.

2 - O papel do Profissional de Educação Infantil

A partir de meados dos anos 60 em diante, chamar a professora de "tia" passou a ser um hábito na pré-escola. A intenção principal era tornar a relação professora-aluno mais próxima e afetiva, em contraposição à figura austera e autoritária de até então. Essa postura, no entanto, foi-se deturpando com o tempo, confundindo a função do professor com relações reais de parentesco. As funções do profissional de educação infantil estão passando por reformulações profundas. O que se esperava dele há algumas décadas, não corresponde mais aos dias de hoje.

Cortella (2001), mostra que não é incomum, no contato com estudantes de pedagogia ou de magistério, que se faça uma pergunta: por que formar-se em Educação? E quase todas as respostas serem: porque gosto de crianças. Gostar é um passo imprescindível, mas para além do gostar, há necessidade de também qualificar-se para o exercício competente da profissão. O educador vive um momento de transição muito importante. Não se contenta mais em banho, comida e colocar as crianças para dormir. As crianças têm direito a mais do que um serviço assistencial. Ela precisa ter acesso ao saber. A educação não é para o futuro, é para já!

"A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal". (Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, título VI, art. 62).

A questão da formação de professor tem sido um grande desafio para as políticas educacionais, segundo Silva (2003), que afirma também que nesta perspectiva a formação para o trabalho com educação infantil envolve uma série de questões relacionadas à própria definição da identidade do profissional que atua nessas instituições. Dessa forma, focalizemos os processos vivenciados pelos sujeitos ao longo da vida (ou seja, a ação de formar-se), o que se inclui os processos de formação sistemática, voltados para a escolarização e para a qualificação profissional.

As redes de ensino deverão colocar-se a tarefa de investir de maneira sistemática na capacitação e atualização permanente e em serviço de seus professores (sejam das creches ou pré-escolas), aproveitando as experiências acumuladas daqueles que já vem trabalhando com crianças há mais tempo e com qualidade. Ao mesmo tempo, deverão criar condições de formação regular de seus profissionais... faz-se necessário que estes profissionais, nas instituições de educação infantil tenham ou venham a ter formação inicial sólida e consistente acompanhada de adequada e permanente atualização em serviço (Parecer 04/2000 – Diretrizes Operacionais para Educação Infantil).

Segundo Arroyo (2001), a função do professor não se limita em ser bom, carinhoso ou até mesmo competente. É preciso pensar nele próprio como um eterno aprendiz em busca de aprimoramento constante. Ser educador é um modo de ser, é um dever ser. Ele deve cuidar de seu percurso de vida... Manter uma conversa permanente consigo sobre a sua formação... A categoria precisa se firmar como profissional e pouco adianta lutar por salários e por reconhecimento social se o professor continuar se vendo como um "ensinante". Essa imagem é pobre e com ela não se espera valorização social. Por esse motivo é importante ressaltar que o papel do profissional de Educação Infantil não é apenas de cuidar da criança e sim, simultaneamente a este, ele possui um indispensável papel que é o de Educador.

Correa (2006), afirma que o profissional torna-se educador na medida em que exercita sua profissão e pensa, reflete sobre as questões que norteiam seu dia-a-dia. Seu papel está em constante construção. O educador necessita de uma base sólida para construir o seu papel. E esta base encontra-

-se em:

Primeiro: entender a instituição enquanto espaço educativo;

Segundo: entender a criança como um ser único, com especificidades físicas, emocionais, intelectuais e sociais, inerentes a seu desenvolvimento;

Terceiro: entender como a criança aprende. A criança tem suas próprias explicações sobre a realidade.

Correa (2006), ainda segue indicando ao profissional de educação Infantil as competências que dever ter como Educador: respeitar a criança como sujeita do processo educativo, considerar a realidade da criança; atender as necessidades básicas através de uma relação que possibilite a construção da autonomia da criança; elaborar, discutir, refletir o plano de trabalho propondo modificações sempre que necessário; desenvolver atividades que possibilitem a integração das crianças que lhe são confiadas.

"A postura básica do educador é aquela aberta, que parte da percepção de cada aluno e do grupo como um todo, que possibilita a cada aluno que se conheça e conheça seu colega, para aí, depois de se detectar quais as dificuldades, lacunas, interesses de cada grupo, poder ter uma ideia (e sempre reformulável durante a sequência do curso do que poderá ser proposto àquele grupo..." (ABRAMOVICH)).

Para Machado (1991), o educador ideal deve possuir características básicas: ser observador, ter olhos, ouvidos, sensibilidade para perceber as necessidades das crianças, do grupo. Deve ser um pensador, pois a reflexão precede e acompanha a atuação propriamente dita.

Paralelamente Ongari e Molina (2003), trazem a ideia de que uma boa educadora deve ter clara às competências da profissão: viver em harmonia com o grupo de trabalho, possuir critérios pedagógicos preciosos, saber programar. Muito importante é a adequação das exigências, às necessidades das crianças, isto é, saber ajustar-se ao que elas necessitam em diferentes momentos, sendo fundamental os projetos pedagógicos e a importância da programação. Para a boa imagem da profissão, ainda há necessidade de se ter flexibilidade com a criança e saber trabalhar em grupo.

"A imagem que se tem de um bom profissional de educação infantil e que ela seja capaz de promover experiências ricas e diversificadas, socialização em grupo, fazer boa programação didática, saber observar e intuir as necessidades das crianças, respeitar ritmos e tempos, alegrar-se com seus progressos e encorajar sua autonomia". (ONGARI E MOLINA, 2003).

Em suma Ostetto (2000), traduz o educador como sendo o que percebe que, desde bem pequenas, as crianças apresentam atitudes de interesse em descobrir o mundo que as cerca, o trabalho do educador é estimular e orientar as experiências e vivências trazidas pelas crianças, de forma que contribuam para o seu desenvolvimento.

"O educador deve conhecer e considerar as singularidades das crianças com as quais trabalha, respeitando suas diferenças... O educador é o mediador entre crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagem" (MONTEIRO, 2002, p. 5)

O agir pedagógico do educador deve atender às reais necessidades das crianças, deve ser criativo, flexível, atendendo à individualidade e ao coletivo. Dessa será o eixo organizador da aquisição e da construção do conhecimento, a fim de que a criança passe de um patamar a outro na construção de sua aprendizagem.

3 - O papel da escola

A discussão sobre o papel e a razão de ser das instituições de educação infantil tem estado muito presente entre os educadores vinculados a se definir com clareza seu espaço na sociedade e consequentemente seu papel, função e os limites de sua atuação.

Para Kuhlmann Jr. (1998, p.52), do ponto de vista da interpretação histórica, a fragilidade da corriqueira e já tradicional polarização entre assistência e educação tem sido superada. Esta polaridade, representando o bem e o mal, como um conto de fadas, permite às propostas inaugurarem o novo e implantar o pedagógico ou o educacional.

Ainda de acordo com Kuhlmann Jr. (1998, p.53), desde o século passado tornou-se recorrente retribuir as instituições de educação infantil à iminência de atingir a condição de educacionais – como se não houvessem sido até então. Muitas vezes como forma de justificar novas propostas que, por sua vez, não chegavam a alterar significativamente as características próprias da concepção educacional assistencialista.

Kramer (1995), afirma que as instituições de educação infantil são equipamentos educacionais e não apenas de assistência. Nesse sentido, uma das características da nova concepção de educação infantil reside na integração das funções do cuidar e educar.

Concomitantemente Kuhlmann Jr. (1998, p. 6), afirma que a caracterização da instituição de educação infantil com lugar de cuidado-e-educação, adquire sentido quando segue a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida para a formulação das propostas pedagógicas ... A expressão tem o ob-

jetivo de trazer à tona o núcleo do trabalho pedagógico consequente com a criança pequena. Educá-la é algo integrado ao cuidá-la.

Kramer (1995), afirma ainda que as instituições infantis são um dos contextos de desenvolvimento da criança. Além de prestar cuidados físicos, ela cria condições para o seu desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional. O importante é que a instituição seja pensada não como substituta da família, mas como ambiente de socialização diferente do familiar. Nela se dá o cuidado e a educação das crianças, que aí vivem, convivem, exploram, conhecem, construindo uma visão de mundo e de si mesmas, constituindo-se como sujeito.

"Se a criança vem ao mundo e desenvolve-se em interação com a realidade social, cultural e natural, é possível pensar uma proposta educacional que lhe permita conhecer esse mundo, a partir do profundo respeito por ela. Ainda não é o momento de sistematizar o mundo para apresentá-lo à criança: trata-se de vivê-lo, de proporcionar-lhe experiências ricas e diversificadas".

(KULHMANN Jr., 1998, p. 57)

De acordo com o RCNEI (vol. I, p. 63) a prática da educação infantil deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades: desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações; descobrir e conhecer

progressivamente seu próprio corpo... estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social; estabelecer e ampliar cada vez mais as relações ...observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade ...brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades; utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido ... conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

De acordo com Faria (1995, p.78) a organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afeto, o cognitivo etc. Portanto ele deve contemplar o convívio / confronto de crianças de várias idades e vários tipos de adulto.

Os espaços serão planejados de acordo com o projeto pedagógico da instituição de educação infantil, a fim de favorecer o desenvolvimento das crianças de o a 6 anos, respeitadas as suas necessidades e capacidades. (Deliberação CME nº 01/99, cap. V, art. 14)

Faria (1995, p. 79), complementa a ideia afirmando que os centros de educação infantil, partindo de que a criança é capaz de múltiplas relações, devem ter espaços flexíveis e versáteis diferentes da casa, da escola e do hospital, incorporando vários ambientes de vida em contexto educativo a serem criadas tanto pelas crianças como pelos adultos e que, portanto, então em permanente construção, assim como a infância.

"É preciso, pois, deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através de sua própria ação". (LIMA, 1989, p. 72)

Concomitantemente Mello e Vitória (2003), afirmam ser importante que se construa ambientes arejados e funcionais, ambientes planejados com brinquedos e objetos para as crianças manipularem e variadas oportunidades de interação criadas pelos educadores e pelas próprias crianças entre si. Acreditando que a criança é capaz de construir conhecimentos nas e pelas interações, devemos organizar o ambiente considerando como um "conjunto de espaço físico e interações, feito para explorar com segurança e promover autonomia".

CONCLUSÃO

Durante a pesquisa, constatei que a dicotomia existente entre cuidar e educar na Educação Infantil tem suas raízes no processo histórico, que primeiramente apresentava uma realidade assistencialista e higienista, voltada para o cuidado e guarda das crianças menores, onde a principal preocupação era proteger as crianças do abandono das famílias e da sociedade. Nesse cenário, as crianças deixaram de ser responsabilidade única dos pais e passam a ser responsabilidade também do Estado. A partir da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a Educação Infantil passa a fazer parte da Educação Básica Brasileira, deixando de ser fundamentalmente assistencialista, tendo a partir de então caráter educativo.

As preocupações com o cuidar e educar das crianças passa para situações reais, não basta mais cuidar somente, é preciso educar, é preciso um trabalho pedagógico realizados por profissionais capacitados. Ainda conforme a LDB 9394/96, a formação de docentes para atuar na educação básica passa a ser em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena. Como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. Para apoiar o trabalho docente e clarear os horizontes,

dando mais oportunidades aos envolvidos no processo, o Ministério da Educação e Cultura elabora os Referenciais Curriculares Nacional da Educação Infantil - RCNEI, juntamente com vários profissionais da Educação preocupados com os novos rumos da Educação Infantil e dos seus profissionais. As crianças passam a ser reconhecidas como um ser único, com necessidades e características próprias. Deste modo, trato especialmente a relação cuidar educar, por muitos ainda vista como situações particulares e isoladas, mas que já começa a ser considerada como uma relação de caráter de unicidade e indissolução. Com efeito, destaco a importância do profissional de Educação Infantil e o aprimoramento de sua prática pedagógica como norteador dos rumos da Educação Infantil.

Enfim, reforço a ideia de que cabe ao profissional de Educação Infantil compreender o universo da criança, tratando-a com respeito e propiciando atividades de aprendizagem que enriqueçam seu desenvolvimento, identidade e autonomia. Isso exige que o professor tenha uma competência polivalente, e ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação, conforme orienta o próprio RCNEI, volume I.

O educador deve renovar seu perfil profissional reconhecendo a ele e a criança como sendo a alma da Educação Infantil e da escola, interagindo e complementando-se.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVICH, Fanny. Quem educa quem? 10ª ed. São Paulo, Summus editorial, 1985.

ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens. 2ªed. São Paulo, Vozes, 2000.

BRZEZINSKI, I. A formação e a carreira de profissionais da educação na LDB 9394/96: possibilidade e perplexidades. In: _____. (Org.). LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 2001, p. 147-165.

CAMPOS, M. M. Questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil. Brasília: BRASIL/MEC/SEF/COEDI, 1994, p. 32-42.

CAMPOS, Maria M.; FÜLLGRAF, Jodete e WIGGERS, Verena. A Qualidade da Educação Infantil Brasileira: Alguns Resultados de Pesquisa. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006, p. 87-128.

CORTELLA, Mário Sérgio. A Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

CORREIA, L. de M. Dez anos de Salamanca, Portugal e os alunos com necessidades educativas. In: RODRIGUES, D. (Org.). Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

KRAMER, Sonia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro, Achiamé,1984. p. 54 a 86.

KRAMER, S. O papel Social da Pré-escola – 1985. In ROSEMBERG, F. (Org.). Creche. São Paulo: Cortez, 1989, p. 20-27.

KUHLMANN JR., M. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN, M.J. Educando a Infância Brasileira. In: LOPES, E. M. T., et al. 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000a, p. 446 a 496.

MACHADO, Maria Lucia. Pré-Escola é não é escola, a busca de um caminho. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

NASCIMENTO M. E. P. Os profissionais da Educação Infantil e a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: GOULART A. L. F.; PALHARES M.S. Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios. Campinas SP,: Autores Associados; São Carlos, SP: Editora UFSCar; Florianópolis: Editora da UFSC, 2000, p. 99-112.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. A educação pré-escolar: fundamentos e didática. São Paulo, Ática, 1989.

ONGARI, Bárbara; MOLINA, Paola. A educadora de creche construindo suas identidades. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p172.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas, Papirus, 2000.

SAVIANI, D. A Nova Lei da Educação: LDB trajetória limites e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 1997, 3.ª Edição

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO- ADI Magistério – Políticas Públicas em Educação Infantil-Rota de Aprendizagem. Modulo 1 e 2, São Paulo, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O Pedagogo no Terceiro Milênio: enfrentando os desafios postos pelas tramas do saber, do fazer e do poder. In: COMISSÃO DE PUPLICAÇÕES DA FEUSP. Identidade do Pedagogo. São Paulo, FEUSP, 1996.

SILVA, Isabel de Oliveira e. Profissionais da Educação Infantil: Produção e Construção de Identidades. 2ªed. São Paulo, Cortez, 2003.